



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 05, pp. 55859-55862, May, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24547.05.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## USO DE REDES SOCIAIS ONLINE POR PESSOAS COM 50 ANOS OU MAIS DURANTE A EMERGÊNCIA DE COVID-19

Pollyana L. B. Pimentel<sup>1</sup>, Josevânia da Silva<sup>2</sup> and Ana Alayde Werba Saldanha

<sup>1</sup>Federal University of Paraíba, João Pessoa - PB

<sup>2</sup>State University of Paraíba, Campina Grande - PB

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 25<sup>th</sup> February, 2022

Received in revised form

20<sup>th</sup> March, 2022

Accepted 19<sup>th</sup> April, 2022

Published online 20<sup>th</sup> May, 2022

#### Key Words:

Maturidade; Idosos;  
Internet;  
Redes Sociais Online; Covid-19.

#### \*Corresponding author:

Pollyana L. B. Pimentel

### ABSTRACT

Objetivou-se conhecer as redes sociais online utilizadas por brasileiros com 50 anos ou mais durante a emergência de Covid-19 no Brasil. Participaram 571 pessoas, com idades variando entre 50 e 88 anos (M=58,83; DP=6,74), sendo 78,5% do sexo feminino. É importante ressaltar que do total dos participantes, 41,5% (N= 237) foi composta por pessoas idosas (acima de 60 anos). Com relação ao uso de redes sociais online (RSO), 93% dos participantes afirmaram que faziam uso dessas ferramentas. A maioria fazia uso de RSO há mais de 5 anos e permanece conectado mais de 3 horas por dia.

Copyright © 2022, Pollyana L. B. Pimentel et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Pollyana L. B. Pimentel, Josevânia da Silva and Ana Alayde Werba Saldanha. "Uso de redes sociais online por pessoas com 50 anos ou mais durante a emergência de covid-19", *International Journal of Development Research*, 12, (05), 55859-55862.

## INTRODUCTION

A distribuição etária da população brasileira e mundial vem sendo modificada ao longo do tempo. De acordo com o último censo realizado no Brasil, 54 milhões de brasileiros têm acima de 50 anos, e estima-se que até 2050, 43% da população brasileira estejam nessa faixa etária (IBGE, 2018). Os dados também mostram o crescente número de idosos no convívio das pessoas e o cotidiano confirma uma presença maior de pessoas idosas. Contudo, paira na sociedade uma visão negativa do envelhecimento, que pode influenciar a saúde mental e física, além de poder contribuir para o isolamento do idoso (Costa, 2019). Essa visão negativa composta por estigmas, preconceitos, estereótipos e atos de discriminação por idade envolvendo as pessoas idosas é denominado de ageísmo ou etarismo e estudos vêm mostrando o quanto isso gera sofrimento psíquico (Banerjee, 2020; Dadalto, Mascarenhas & Matos, 2020). Pesquisas apontam que houve um aumento de possíveis práticas de ageísmo devido ao contexto pandêmico (Dadalto, Mascarenhas & Matos, 2020; Cesari & Proietti, 2020; Barrett, Michael & Padavic, 2020). A pandemia de Covid-19 se destacou pela alta capacidade de contágio, necessidade de distanciamento e isolamento social, quarentena prolongada e fechamento de ambientes coletivos e de sociabilidade

(Melo et al., 2020). Além disso, como os adultos mais velhos e os idosos foram considerados um grupo de alto risco, começou a se propagar uma representação errônea de que a Covid-19 era um problema dos idosos (Vale et al., 2020; Fraser et al., 2020). A cada dia a pandemia revelava sua face de desastre em larga escala, o mundo foi completamente subvertido pela emergência. Além da repercussão inicial de que a Covid-19 era uma doença difícil apenas para os idosos, vários países optaram por impor restrições mais rígidas às pessoas mais velhas, orientando que elas evitassem sair de casa durante a pandemia. Tal orientação traz à tona um problema antigo: o isolamento dos idosos e de adultos mais velhos e o impacto da desconexão social para a saúde mental (Fraser et al., 2020). O isolamento social pode provocar variados problemas nos âmbitos individual, familiar, comunitário e social. Indubitavelmente a comunicação foi o fator mais debatido nas discussões acerca da melhoria da qualidade de vida no período de isolamento social (Silva et al., 2020). A maneira de se comunicar e de relacionar-se tem evoluído ao longo do tempo, sendo influenciadas diretamente pelos avanços tecnológicos (Antonucci, Ajrouch & Manalel, 2017). Atualmente, os *smartphones* facilitaram bastante a conexão entre as pessoas, principalmente devido aos aplicativos de redes sociais, contudo, a história mostra que as formas de relações sociais já foram

atravessadas pelas escritas de cartas, pelos telégrafos, telefones fixos, (Antonucci, Ajrouch & Manalel, 2017; Chepe & Adammat, 2015; Antonucci, Ajrouch & Birditt, 2014). Em meio às medidas restritivas em função do avanço da pandemia, a comunicação digital ganhou espaço e maior visibilidade. Antes mesmo da pandemia, este meio de comunicação já era bastante difundido entre os jovens, porém a faixa etária acima de 50 anos era a que estava sendo verificada maior aumento de consumo (IBGE, 2019). Segundo Silva *et al.* (2020), a pandemia covídica e o isolamento social contribuíram ainda mais para o crescimento do consumo de internet e redes sociais online, uma vez que essas ferramentas se mostraram importantes na diminuição da desconexão social, ao passo que preservava a integridade das pessoas, principalmente daquelas que faziam parte de algum grupo de risco, como os idosos. Tais autores ainda afirmam que idosos com educação digital possuem maior progresso em controle de movimentos finos, desempenho cognitivo, linguístico e redução dos sintomas de depressão. Vale salientar que em situações de emergência e desastres, tal qual a pandemia covídica tem se mostrado, as conexões sociais locais, o contato com a rede socioafetiva e a existência da prestação de suporte, ainda que de modo online, influem na sobrevivência de grupos considerados vulneráveis, em especial o de longevos (Viana, 2015). Neste sentido, considerando o envelhecimento da população, considerando o distanciamento e isolamento social devido à pandemia de Covid-19, considerando os impactos negativos dos desdobramentos da pandemia para a saúde mental dos longevos, um dos principais grupos de risco, objetiva-se neste estudo conhecer quais as redes sociais mais utilizadas por brasileiros com 50 anos ou mais durante a emergência da pandemia de Covid-19 no Brasil, bem como apreender a quantidade de tempo utilizada com estas redes.

## MÉTODOS

**Tipo de Estudo:** O estudo se caracteriza como exploratório, descritivo, de corte transversal, com abordagem quantitativa e qualitativa.

**Participantes:** Participaram, de forma não probabilística e acidental, 571 pessoas, residentes em dezenove estados brasileiros, com idades variando entre 50 e 88 anos ( $M=58,83$ ;  $DP=6,74$ ), dentre os quais, 78,5% era do sexo feminino. É importante ressaltar que do total dos participantes, 41,5% ( $N= 237$ ) foi composta por pessoas idosas (acima de 60 anos).

**Instrumentos:** Para a coleta dos dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: a) *Questionário sociodemográfico:* teve por objetivo caracterizar os participantes em relação às variáveis sociodemográficas (sexo, idade, renda, estado civil, atuação profissional), bem como acerca do uso de redes sociais online (se fazia uso ou não). b) *Entrevista semiestruturada:* As perguntas versavam sobre há quanto tempo o participante fazia uso de redes sociais online, qual a média de tempo de uso diário, por qual motivo utilizava as redes sociais online, e para os participantes que não faziam uso, foi questionado o motivo da não utilização.

**Procedimento:** A coleta de dados foi realizada através de questionário online, elaborado na ferramenta Formulários Google, e divulgado em redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp) e através de e-mails. O início da aplicação do questionário só ocorria após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e confirmação da participação voluntária. Ademais, foi utilizada a técnica bola de neve para ter acesso aos participantes com menores níveis de escolaridade ou que não possuíam redes sociais, os quais foram abordados através de ligação telefônica (chamada de vídeo ou voz). Após a aplicação do instrumento, era solicitada a indicação de outra pessoa que pudesse participar da pesquisa. A pesquisa foi aprovada por comitê de ética em pesquisa (parecer nº 3.785.933), respeitando todos os procedimentos éticos dispostos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A coleta de dados ocorreu entre os dias 08 e 18 de maio de 2020. No último dia da pesquisa, o Brasil possuía 254.220 casos confirmados de COVID-19 e 16.792 óbitos relacionados à doença.

**Análise dos dados:** Os dados decorrentes do questionário sociodemográfico foram analisados através de estatística descritiva (frequência, porcentagem, média e desvio padrão). Já os dados decorrentes oriundos da entrevista semiestruturada foram analisadas com auxílio do software *Iramuteq*, a partir da análise textual de frequência textual.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 571 pessoas, residentes em dezenove estados brasileiros, com idades variando entre 50 e 88 anos ( $M=58,83$ ;  $DP=6,74$ ), dentre os quais, 78,5% era do sexo feminino. É importante ressaltar que do total dos participantes, 41,5% ( $N= 237$ ) foi composta por idosos. Com relação à escolaridade, 8,1% ( $N= 46$ ) tinha estudado até o ensino fundamental completo, 3,5% ( $N= 20$ ) não haviam concluído o ensino médio, 14,7% ( $N= 84$ ) haviam concluído o ensino médio, 36,3% ( $N= 207$ ) tinham o ensino superior e 37,4% ( $N= 213$ ) dos participantes eram pós graduados. Com relação ao estado civil, 55,9% ( $N= 319$ ) afirmaram ser casados ou estar em um relacionamento estável, enquanto que 20,8% ( $N= 119$ ) era divorciados ou separados, 14,2% ( $N= 81$ ) eram solteiros e 9,1% ( $N= 52$ ) afirmaram que eram viúvos. Acerca da situação laboral, 39,1% ( $N= 223$ ) dos participantes afirmaram que eram aposentados, 52% ( $N= 297$ ) ainda exerciam algum tipo de atividade laboral remunerada e 5,1% ( $N= 29$ ) estavam desempregados. Quando perguntados sobre a renda mensal, 5,3% ( $N= 30$ ) dos participantes não tinham nenhuma renda, 3,2% ( $N= 18$ ) recebiam até R\$ 600,00 mensal, 11,4% ( $N= 65$ ) contavam com uma renda mensal de R\$ 601,00 a R\$ 1.045,00, 17,7% ( $N= 101$ ) tinham uma renda de R\$ 1.046,00 a R\$ 2.090,00, 20,3% ( $N= 116$ ) afirmaram que recebiam mensalmente de R\$ 2.090,00 a R\$ 4.180,00. Enquanto que 15,4% ( $N= 88$ ) tinham uma renda de R\$ 4.181,00 a R\$ 6.270,00 e 26,8% ( $N= 153$ ) tinham uma renda mensal acima de R\$ 6.270,00.

Com relação ao uso de redes sociais online (RSO), 93% ( $N= 531$ ) dos participantes afirmaram que faziam uso dessas ferramentas e 1,4% ( $N=8$ ) afirmaram que tinha iniciado o uso durante o isolamento social mais rígido (lembrando que essa pesquisa foi realizada em maio de 2020, período em que o Brasil estava vivenciando medidas mais restritas de contenção da doença), 4,2% ( $N= 24$ ) disseram que nunca tinham utilizado redes sociais online, enquanto que 1,4% ( $N= 8$ ) disseram que já tinham utilizado, mas que não utilizavam mais. Tais dados corroboram com a literatura, a qual já indica o aumento do número de usuários em redes sociais online entre adultos mais velhos e idosos (Ferreira & Teixeira, 2017; IBGE, 2019). Todavia, o fato desta pesquisa ter sido realizada de maneira online também pode ter contribuído para este resultado. Ressalta-se que em um panorama pandêmico e, principalmente, num cenário pós-pandemia, se faz necessário refletir o acesso à internet e às tecnologias digitais de comunicação como um direito fundamental do ser humano, dado que este acarreta acesso às informações em saúde, o acesso a benefícios da assistência social, à comunicação com familiares e amigos, à educação, dentre outros (Krug, Xavier & d'Orsi, 2018), principalmente entre os longevos, os quais são os mais excluídos do meio digital, mesmo que este grupo etário seja a parcela da população que mais tem crescido entre os novos internautas (Ferreira & Teixeira, 2017). Salienta-se que, de acordo com o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), é direito do idoso receber educação incluindo "conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna". O referido direito está totalmente em conformidade com a proposta da Organização Mundial de Saúde (2015), que definiu o período de 2020-2030 como a *Década do Envelhecimento Saudável*, compreendendo o envelhecimento saudável como sendo o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional, promovendo o bem-estar na longevidade, ou seja, a sociedade já iniciou essa década, ainda que atravessada pela pandemia, em que as pessoas idosas estão no centro desse plano, onde diversos setores da sociedade devem estar reunidos em prol de melhorar a vida dos idosos, de suas famílias e suas comunidades, reduzindo também as desigualdades, entre elas, a desigualdade tecnológica.

Foi questionado há quanto tempo os participantes desta pesquisa eram usuários de redes sociais online. 68,3% (N= 390) afirmaram que faziam uso há mais de 5 anos, 11% (N= 63) afirmaram que eram adeptos das redes sociais online a cerca de 5 anos, 11,9% (N= 68) eram usuários a cerca de 3 anos, 2,3% (N= 13) usava a cerca de 1 ano, 0,7% (N= 4) tinha começado a usar a menos de 6 meses, 1,2% (N= 7) a menos de 2 meses e 0,5% (N= 3) a menos de 1 mês do tempo em que a pesquisa foi realizada. Sobre o tempo de uso diário, 28,4% (N= 162) passavam mais de 3 horas por dia utilizando as redes sociais online, 22,2% (N= 127) dos participantes afirmaram que fazia uso desse tipo de ferramenta entre 2 e 3 horas por dia, 24,7% (141) disseram que usavam entre 1 e 2 horas por dia, 14,7% (N= 84) utilizavam entre 30 minutos e 1 hora por dia, e 6% (N= 34) dos participantes disseram passar menos de meia hora por dia nas redes sociais online. Tais dados estão em consonância com a produção científica. Uma pesquisa realizada por Ferreira e Teixeira (2017) constatou que as pessoas faziam uso das redes sociais online diariamente, com um tempo gasto variando entre 30 minutos e 5 horas. Já o relatório Digital in 2018, publicado pelos serviços online Hootsuite e We Are Social, realizado com mais de 4 bilhões da população mundial, coloca o Brasil como o terceiro país onde os usuários ficam mais tempo online, permanecendo em média 9 horas e 14 minutos por dia na internet ficando atrás apenas da Tailândia (9h38) e Filipinas (9h24) (Hootsuite, 2018). O referido relatório ainda constatou que somente no Facebook, o número de usuários com 65 anos ou mais aumentou quase 20% no ano de 2017. Estas informações estão em diálogo com uma pesquisa realizada pelo IBGE (2018), a qual apontou que o uso de mídias sociais é a principal finalidade de quem se conecta à internet.

Foi questionado quais as redes sociais online mais utilizadas pelos participantes, emergindo 1786 coocorrências, sendo 57 formas diferentes. O aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp* foi a rede social mais utilizada pelos respondentes deste estudo, seguido do *Facebook* e do *Instagram*. A Tabela 1 apresenta as redes sociais mais utilizadas pelos usuários de redes sociais online e suas respectivas frequências:

**Tabela 1. Tabela de frequências acerca das Redes Sociais Online mais utilizadas por pessoas com 50 anos ou mais**

Rede Social Online	F
Whatsapp	543
Facebook	361
Instagram	357
Youtube	321
Twitter	36
LinkdIn	29
Google	12
Email	8

Os resultados corroboram com os achados da literatura, os quais apontam que as principais redes utilizadas por usuários longevos são: *Whatsapp*, *Facebook*, *Messenger*, *Instagram*, *Snapchat* e *LinkedIn* (Marchi, Rossetti & Cotonhoto, 2020; Velho & Herédia, 2020; Ferreira & Teixeira, 2017). A preferência dos idosos e adultos na maturidade por estes aplicativos é devida ao fato de facilitar a comunicação e pelo manuseio ser acessível, além disso, de acordo com o estudo realizado por Ferreira e Teixeira (2017), os participantes da referida pesquisa relataram que os recursos que mais utilizam nas redes sociais são as mensagens instantâneas, fotos e vídeos, compartilhamento no mural do *Facebook* e participação em grupos. Percebe-se a ratificação do caráter social das redes online, demonstrando que pessoas com 50 anos ou mais têm acompanhado a dinâmica e a tendência contemporâneas das relações sociais, o que contribui para o envelhecimento saudável (Marchi, Rossetti & Cotonhoto, 2020). Tais dados também estão de acordo com as Representações Sociais de indivíduos com 50 anos ou mais acerca da Internet e das Redes Sociais Online. Os resultados apontaram que acerca do estímulo indutor *Internet*, as redes sociais online faziam parte do campo representacional do senso comum, confirmando que para essa parcela da população, o uso da internet geralmente é voltado para o acesso das redes sociais online (Pimentel, Silva & Saldanha,

2022). Além disso, quando o estímulo indutor foi *Redes Sociais Online*, os aplicativos (*Instagram*, *Whatsapp*, *Facebook*, *Telegram*, *Orkut* e mensagens) fizeram parte das crenças dessa faixa etária, corroborando com as redes mais utilizadas por eles, como foi disposto na Tabela 1. Compreende-se que as representações, crenças e cognições são nomeadas, forjadas e compartilhadas em meio social. Na fase mais longa da vida, é importante e necessário que as pessoas continuem socializando e se adaptando aos novos contextos, sejam eles com maior tecnologia ou em meio a uma pandemia. Esta última causou novas situações, as quais tiveram que se ajustar ao meio virtual. A necessidade de comunicação, a redução da solidão e da sensação de isolamento, a preocupação com amigos e familiares, o aumento da sensação de segurança, fizeram com que os recursos tecnológicos pelo uso da internet despontassem como uma das alternativas mais usufruídas para enfrentar essa fase em que muitos se encontravam distantes de tudo e necessitavam resolver alguma demanda de suas rotinas, como compra de alimentos, remédios, ou até mesmo a manutenção de relacionamentos e convivência social (Velho & Herédia, 2020; Costa *et al.*, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões tecidas neste estudo incitam alerta para alguns pontos importantes que envolvem os seres humanos idosos e adultos na maturidade: os relacionamentos sociais, principalmente com a ocorrência da polidemia covidica. É oportuno trazer os longevos como protagonistas do debate, principalmente diante as situações vivenciadas durante o período pandêmico. O presente estudo contribui para o conhecimento científico acerca do uso de redes sociais online por longevos durante a polidemia de Covid-19 e o impacto na saúde mental. Tendo em vista que a velhice é considerada a etapa mais longa do desenvolvimento humano, é de extrema importância ampliar a compreensão desse processo em vários âmbitos, bem como a suas condições. Ademais, sabe-se que as mudanças nas formas de relações sociais e a conectividade virtual são realidades do mundo contemporâneo, sendo essencial que eventos da modernidade, como estes, adentrem a vida das pessoas mais velhas, colaborando para o envelhecimento saudável, bem como para a inclusão digital e manutenção da socialização dos indivíduos longevos.

No que diz respeito ao uso de redes sociais online, a expressiva maioria afirmou fazer uso desse recurso tecnológico, sendo usuário há mais de 5 anos e permanecendo conectado mais de 3 horas por dia. As redes sociais online mais utilizadas pelos participantes são o *Whatsapp*, o *Facebook* e o *Instagram*, respectivamente. Por fim, salienta-se que o uso da comunicação digital frente à situação de crise de saúde vivenciada, permitiu o isolamento dos corpos, mas não da alma. Esta situação de crise reforçou a necessidade da atenção psicológica em gerontologia, bem como da psicologia do desastre, percebendo-se a indispensabilidade de profissionais qualificados. Como limitação, este estudo possui a restrição de ter sido realizado de forma online, restringindo a participação de pessoas sem o acesso à internet, podendo não constituir uma amostra representativa da população com 50 anos ou mais. Em estudos futuros, sugerem-se pesquisas com amostras que contemplem os diversos modos de envelhecer na realidade brasileira, como pessoas em contextos rurais e que moram sozinhas.

## REFERÊNCIAS

- Antonucci, T.C.; Ajrouch, K.J. & Birditt, K.S. (2014). The Convoy Model: Explaining Social Relations From a Multidisciplinary Perspective. *The gerontologist*, 54(1), 82-92
- Antonucci, T.C.; Ajrouch, K.J. & Manalel, J.A. (2017). Social relations and technology: Continuity, Context, and Change. *Innovation in aging*, 1(3).
- Banerjee, D. (2020). 'Age and ageism in COVID-19': Elderly mental health-care vulnerabilities and needs. *Asian journal of psychiatry*, 51, 102154. doi:10.1016/j.ajp.2020.102154

- Brasil. (2003). Lei Nº 10.741 de 1º de Outubro de 2003 – Estatuto do Idoso. Recuperado em 26 de Fevereiro, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm)
- Cesari, M. & Proietti, M. (2020). COVID-19 in Italy: Ageism and Decision Making in a Pandemic. *Journal of the American Medical Directors Association*, 21(5), pp. 576–577. doi: 10.1016/j.jamda.2020.03.025
- Chepe, L.M. & Adamatt, D.F. (2015). Estudo sobre a interação de idosos em redes sociais digitais. *Informática na educação: teoria e prática*, 18(2), 177-198.
- Costa, S.M.M. (2019). Mais além da vida orgânica: a convivência como fator de prevenção do isolamento social dos idosos e de promoção da saúde. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde. Programa de Pós Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro – RJ. Recuperado de [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/39502/2/silvia\\_costa\\_ioc\\_mest\\_2019.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/39502/2/silvia_costa_ioc_mest_2019.pdf)
- Costa, D.E.S., Rodrigues, S.A., Alves, R.C.L., Silva, M.R.F., Bezerra, A.D.C., Santos, D.C., Freitas, M.C., Oliveira, P.E., Nunes, S.F., Silva, V.C. & Nascimento, C.E.M. (2021). A Influência das Tecnologias na Saúde Mental do Idoso: Uma Revisão Integrativa. *Research, Society and Development*, 10(2).doi: 10.33448/rsd-v10i2.12198.
- Dadalto, L., Mascarenhas, I.L. & Matos, A.C.H. (2020). Salvem também os idosos: e a alocação de recursos na realidade brasileira de combate à COVID. *Civilistica.com*, 9(2). Recuperado em 19 de Fevereiro, 2021, de <https://civilistica.emnuvens.com.br/redc/article/view/547/402>
- Ferreira, M.C. & Teixeira, K.M.D. (2017). O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 22(3), 153-167. Recuperado em 10 de Novembro, 2019, de <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/74595>
- Fraser, S., Lagacé, M., Bongué, B., Ndeyé, N., Guyot, J., Bechard, L., Garcia, L., Taler, V., Adam, S., Beaulieu, M., Bergeron, C.D., Boudjemadi, V., Desmette, D., Donizzetti, A.R., Éthier, S., Garon, S., Gillis, M., Levasseur, M., Lortie-Lussier, M., Marier, P., Robitaille, A., Sawchuk, K., Lafontaine, C. & Tougas, F. (2020). Ageism and COVID-19: what does our society's response say about us? *Age Ageing*.doi: 10.1093/ageing/afaa097
- Hootsuite (2018). Digital Global 2018. Recuperado em 13 de Janeiro, 2020, de <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018#>
- IBGE (2018). Projeção da população no Brasil e das unidades da Federação. Recuperado em 13 de Janeiro, 2021, de [https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm\\_source=portal&utm\\_medium=popclock&utm\\_campaign=novo\\_popclock](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock)
- IBGE (2019). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Notas Técnicas. 4ª Ed. Rio de Janeiro. Recuperado em 13 de Janeiro, 2021, de [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101651\\_notas\\_tecnicas.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101651_notas_tecnicas.pdf)
- Krug, R.R., Xavier, A.J. & d'Orsi, E. (2018). Fatores associados à manutenção do uso da internet, estudo longitudinal EpiFloripa idoso. *Revista de Saúde Pública*, 52. doi:10.11606/s1518-8787.2018052000216
- Marchi, B.F., Rossetti, C.B. & Cotonhoto, L.A. (2020). Idosos e Redes Sociais Digitais: um estudo exploratório. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 25(1). p. 21-40. Recuperado em 27 de Fevereiro, 2021, de <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/94447/58363>
- Melo, B.D., Pereira, D.R., Serpeloni, F., Kabad, J.F., Souza, M.S. & Rabelo, I.V.M. (org). (2020). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de covid-19: recomendações para gestores. Rio de Janeiro: Fiocruz. Recuperado em 26 de Janeiro, 2021, de <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/42359/2/Sa%c3%bade-e-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%c3%a7%c3%b5es-aos-psi%c3%b3logos-para-o-atendimento-online-1.pdf>
- Pimentel, P.L.B., Silva, J. & Pichelli, A.A.W.S. (2022). Social representation of users over 50 years about the internet and online social networks. *Research, Society and Development*. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27071>
- Silva, M.V.S., Rodrigues, J.A., Ribas, M.S., Sousa, J.C.S., Castro, T.R.O., Santos, B.A., Sampaio, J.M.C. & Pegoraro, V.A. (2020). O impacto do isolamento social na vida dos idosos durante a pandemia de COVID-19. *Enfermagem Brasil*, 19(4). doi:10.33233/eb.v19i4.4337
- Vale, M.T., Stanley, J.T., Houston, M.L., Villalba, A.A. & Turner, J.R. (2020). Ageism and Behavior Change During a Health Pandemic: A Preregistered Study. *Frontiers in psychology*, (11) 587911. doi: 10.3389/fpsyg.2020.587911
- Velho, F.D. & Herédia, V.B.M. (2020). O idoso em quarentena e o impacto da tecnologia em sua vida. *Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade*, 12(3). Recuperado em 27 de Fevereiro, 2021, de <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8903/pdf>
- Viana, A.S. (2015). Idoso, família e desastres: Uma discussão na interface da sociologia e gerontologia a partir da análise do caso de Teresópolis/RJ. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências de Engenharia Ambiental. Programa de pós Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18139/tde-09062015-154459/publico/DissertacaoAlineSilveiraViana.pdf>

\*\*\*\*\*